

# Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta



Emiliana Faria Rosa (Org.)

  
Diálogos

# *Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta*

Emiliana Faria Rosa (Org.)



**Diálogos**

TUTÓIA - 2022

Copyright © Editora Diálogos - Alguns direitos reservados  
Copyrights do texto © 2022 Autores e Autoras



Este obra está licenciado com uma [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Esta obra pode ser baixada, compartilhada e reproduzida desde que sejam atribuídos os devidos créditos de autoria. É proibida qualquer modificação ou distribuição com fins comerciais. O conteúdo do livro é de total responsabilidade de seus autores e autoras.

Capa: Helenne Schroeder Sanderson  
Diagramação: Beatriz Maciel  
Revisão: Autoras

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

---

M956

Mulheres: vivências e histórias que o lattes não conta  
/ Organizadora Emiliana Faria Rosa – Tutóia, MA: Diálogos,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-89932-62-8

1. Literatura 2. Pesquisa Acadêmica 3. Mulher I. Título

CDD 800

---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



<https://doi.org/10.52788/9786589932628>



**Diálogos**

Editora Diálogos

contato@editoradialogos.com

www.editoradialogos.com

# LEITURA DE MUNDO, LEITURA DA PALAVRA, LEITURA DE SI

Emiliana Faria Rosa

DOI: 10.52788/9786589932628.1-2

Você gostaria de sentar-se para tomar uma xícara de café e ter um pouco de prosa? Uma boa conversa sobre como ler, estar, viver, provar e compreender o mundo. Uma conversa sobre ler o lado de fora e o lado de dentro. Do que? De tudo, do todo, de si.

Que história eu contaria que não está no Lattes? Quem somos fora dele? Do que e como vivemos? Peça para alguém do meio acadêmico se descrever. Provavelmente vai dizer: sou professora da disciplina tal, tantos anos de carreira, comecei na escola ali, depois trabalhei acolá, tenho diploma disso e daquilo. Pessoas do meio acadêmico dificilmente vão chegar se apresentando assim: eu gosto de bolo quentinho com café. Não é uma apresentação que se espere neste meio tão curricular. Vou escrever aqui sobre algo que me motiva, me completa, me alimenta: a literatura.

Aprendi a ler na escola usando a cartilha “Casinha Feliz”. Pelo menos é o que eu lembro. Sou uma rata de biblioteca desde que me entendo por gente. Não estou inventando não. Livros sempre me envolveram. Tenho meus dois primeiros livros guardados até hoje. Lembro que eu adorava a sala de leitura da escola. Era um dos meus cantinhos favoritos. Na escola, cheguei a escrever um livro como atividade extraclasse, lembro que era sobre bruxas. Infelizmente, ele se perdeu. Gostaria de tê-lo. Minha avó paterna tinha uma Enciclopédia Barsa, creio que do ano de 64, em casa. Lá pelos anos 90, eu, além de fazer as atividades escolares usando esses livros, cuidava deles, colava-os e colocava durex para manter as capas nos lugares. Eu adorava abrir a Barsa para ler aleatoriamente sobre coisas, ainda lembro do cheiro da velhice dos livros.

Meu avô materno também tinha coleção de livros em casa, fui lendo aos poucos enquanto crescia. Lembro de, já adolescente ler “O Analista

de Bagé” de Veríssimo. Pasmem, anos e anos depois, adivinhem onde fui morar? Pois é, Bagé. Sabe aqueles livros em fascículos que vinham no jornal? Adivinhe quem se encarregava de buscar o jornal e organizar o livro-fascículos junto com o avô materno? Eu.

Entrar numa livraria e sentir o cheiro de livro novo. Delícia. Entrar em bibliotecas e ver filas e filas de livros. Um santuário. Livros são sempre grandes parceiros e descobri isso bem cedo. Quando fiquei surda, aos onze anos, e era difícil a comunicação com as pessoas, me refugiei nos livros. Eu lia todos os livros que me chegavam nas mãos. Ganhei muitos, me emprestaram tantos outros. Os livros não riam da minha cara quando eu não entendia, os livros não me deixavam sozinha. Os livros me fizeram ter pensamentos bons e diferentes de todos os pensamentos confusos e ansiosos que rondavam minha cabeça naquele tempo. Eu não queria conversar, queria ler. Eu lia tudo e sobre tudo. Uma vez um professor me perguntou se eu lia tudo mesmo, até bula de remédio. Eu sorri. Cheguei em casa e fui procurar uma bula. Li, sorri e pensei que, naquele momento, sim, eu já tinha lido de tudo.

A graduação em Letras (português/literaturas) foi algo muito satisfatório. Mesmo com pilhas e pilhas de textos para ler para as aulas. Estudar sobre literatura foi algo fantástico. Eu me deliciava com as aulas, os textos e as explicações. Minha monografia de fim de curso de graduação foi sobre o prazer e a obrigação de ler. Tudo a ver, né? Continuei estudando depois. Cheguei a prestar prova para fazer o doutorado em literatura, não passei por conta da professora escolhida não se sentir segura de orientar uma surda querendo pesquisar sobre literatura surda. Ela mesma disse. Fiz o doutorado em linguística, como segunda opção.

A leitura de tudo, de textos e do mundo, fluía e eu escrevia. Por mais de dez anos escrevi poemas. Escondia todos. Muitos eu rasguei e pus fora. Não gostamos de tudo o que escrevemos. Em 2017, num momento de coragem insana, publiquei o “Borboletas Poéticas”, meu livro de poesias, tive que revisar quais eu escolheria. Oitenta e dois poemas foram escolhidos, mas porque oitenta e dois? Eu nasci em 82, gente, foi o que usei de base. Nesse revisar para publicar, muita coisa foi descartada. Não se assuste, o processo de escrever é assim mesmo. Escreve, apaga, escreve, apaga, escreve, faz uma bolinha com o papel e atira para as gatas brincarem. Levantamo-nos para fazer um café e voltamos com uma ideia.

Em 2022 escrevi, em meses, o “Crônicas, Memórias e Joelhos Ralados”, pequenas crônicas cotidianas ou de lembranças que apareciam na minha cabeça, completas. Parecia que estava tudo lá, só faltando eu colocar no papel. Foi o que fiz.

Escrevi artigos acadêmicos, escrevi uma monografia, duas na verdade, uma dissertação e uma tese. Além do artigo do pós-doutorado. Porém, minha paixão mesmo é escrever solto, sem normas acadêmicas, sem regras impostas para artigos. Recebi muita bronca de orientadores por conta da poética de meus textos. Acredito que por isso eu fui diminuindo a escrita livre, pela necessidade curricular e acadêmica de escrever enquanto pesquisadora e professora. Diminui tanto que fiquei muito tempo sem escrever uma poesia. Demorei a ver que escrever não-academicamente é algo que eu preciso, para poder continuar a ser quem sou.

Os remédios na caixinha de antidepressivo me olham todo dia, e engulo-os matinalmente. Hoje terei de engolir um diferente, um tarja preta, para ir dar aula, a primeira aula presencial, em muito tempo...

Minha depressão começou bem antes da pandemia que vivemos, assim como minha ansiedade e crises de pânico. Escrever foi uma das terapias que utilizei e utilizo dia após dia. Escrever me puxou para cima de novo, foi a mola do fundo do poço, e continua sendo.

Continua, sim, uma vez que, inevitavelmente, é real a possibilidade de viver tudo de novo, como estou de novo, depois de um ano me sentindo bem, e muito bem. Procuo refúgio nas palavras, abraço textos e escritas. Leituras que me acolhem, que aquecem a alma. Escrevo este texto com lágrimas nos olhos, mas de coração quentinho porque eu sei que todo dia é dia de tentar, de novo, pular na mola e torcer para não escorregar, de novo.

A literatura e, por continuidade, a escrita, para mim é algo vital, que corre pelas veias, que caminha ao meu lado. Escrever é o melhor meio de dividir o que penso. A literatura é uma arte, isso é fato. Para mim, a literatura é a arte do encontro e o escrever é a ponte para este encontro. Preciso escrever para poder caminhar, preciso escrever para poder compreender a mim mesma. A literatura, de mãos dadas com o escrever, é o rio que se move, que irriga os terrenos de tantas andanças. A literatura é a vida lá fora e aqui dentro de mim. O escrever é meu espelho, meu papel, meu lápis apontado.

Demoramos muito para ver o que nos move e o que nos leva. Demoramos para perceber como, e para onde, a vida nos empurra. Demoramos a reconhecer os caminhos, as pedras, as flores. Demoramos a compreender nossos passos. Melhor demorar do que nunca ver. Nada disso estava escrito na Balsa lá da minha infância. Ao invés de colar a capa dos livros com durex, os remendos estão hoje em minha própria pele. Eu leio e vivo minhas próprias histórias.



É preciso ter vida lá fora, e aqui dentro de mim, para que haja vida lá na academia. Somos personagens principais de nossas próprias vidas e muitas vezes esquecemos disso por conta da grande quantidade de trabalho; e, aquela frase, aparentemente clichê, é pura verdade: viver não cabe no Lattes.